

# Proliferação Nuclear Horizontal em Guerras Irregulares Complexas

Fabrizio Àvila<sup>1</sup>

**RESUMO:** A posse de artefatos nucleares por atores não-estatais não foram contempladas pelas teorias clássicas de Relações Internacionais que versavam sobre as teorias de dissuasão nuclear entre Estados. O argumento principal da proliferação nuclear horizontal é o de que a produção e a posse de armas nucleares por mais países trariam a estabilidade ao sistema internacional. As tensões no Oriente Médio cresceram desde o dia 07 de outubro de 2023. A presente conjuntura fornece um exercício da possibilidade de uso de armas nucleares na região. O Irã conduz um programa nuclear consolidado que poderá brevemente resultar em material físsil para a construção de uma bomba atômica viável. A proliferação nuclear horizontal na prática é uma realidade. Existiria a possibilidade de posse de armas nucleares iranianas por atores não estatais como o *Hezbollah* no Líbano e *Ansar Al-Allah* no Iêmen? Para tentar responder esse cenário, cabe mostrar diferentes situações adjacentes aos atores. Em um primeiro momento, as armas nucleares iranianas seriam táticas e não estratégicas, mas seria um fator de desestabilização na região como um todo. Em princípio, o *Hezbollah* e o *Ansar Al-Allah* não são respectivamente as forças armadas do Líbano e Iêmen e a posse de armas nucleares pelas organizações representa uma ameaça à estabilidade mundial. A possível posse de artefatos nucleares por atores não-estatais é um assunto muito novo. A pauta toma forma na medida em que as forças militares não-convencionais são de fato as forças armadas dos países onde se encontram.

**Palavras chaves:** *Iêmen, Israel, Irã, Líbano, armas nucleares.*

**ABSTRACT:** The possession of nuclear devices by non-state actors was not covered by the classical theories of International Relations that dealt with theories of nuclear deterrence between States. The main argument for horizontal nuclear proliferation is that the production and possession of nuclear weapons by more countries would bring stability to the international system. Tensions in the Middle East have grown since October 7, 2023. The current situation provides an exercise in the possibility of using nuclear weapons in the region. Iran is conducting a consolidated nuclear program that could soon result in fissile material for the construction of a viable atomic bomb. Horizontal nuclear proliferation in practice is a reality. Would there be the possibility of possession of Iranian nuclear weapons by non-state actors such as Hezbollah in Lebanon and Ansar Al-Allah in Yemen? To try to answer this scenario, it is worth showing different situations adjacent to the actors. Initially, Iranian nuclear weapons would be tactical and not strategic, but they would be a destabilizing factor in the

---

<sup>1</sup>Pesquisador do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia – ISAPE, tornou-se Doutor em Ciência Política pela UFRGS em 2013 e fez parte do NERINT/CEGOV, de 2002 a 2010, na UFRGS. (fabris29@gmail.com).

region as a whole. In principle, Hezbollah and Ansar Al-Allah are not respectively the armed forces of Lebanon and Yemen and the organizations' possession of nuclear weapons represents a threat to global stability. The possible possession of nuclear devices by non-state actors is a very new issue. The agenda takes shape as unconventional military forces are in fact the armed forces of the countries where they are located.

**Keywords:** Yemen, Israel, Iran, Lebanon, nuclear weapons.

Os problemas da proliferação nuclear horizontal possuem foco na posse ou uso de armas nucleares táticas ou estratégicas por Estados. A posse de artefatos nucleares por atores não-estatais não foram contempladas pelas teorias clássicas de Relações Internacionais que versavam sobre as teorias de dissuasão nuclear. O arcabouço teórico do Realismo possui vários autores, mas ficaremos com dois expoentes. Os exercícios teóricos começaram na Guerra Fria dentro da bipolaridade equilibrada na disputa pela hegemonia mundial entre Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Raymond Aron estava inserido no início do debate da proliferação nuclear, mas seu enfoque foi direcionado para a proliferação nuclear vertical. Ou seja, o aumento dos arsenais nucleares traria a paz e estabilidade para o sistema internacional. Tal condição apresentou reflexos na lógica da Destruição Mútua Assegurada (MAD) do início da década de 1970. Os arsenais nucleares norte-americanos e soviéticos chegaram a quantitativos que poderiam destruir a vida no planeta Terra várias vezes. Consequentemente, o poder destrutivo do armamento nuclear impediu um confronto direto entre as duas superpotências.

Kenneth Waltz traz em 1979 o Neo-Realismo Estrutural, o qual versou sobre a possibilidade de proliferação nuclear que resultou nos debates com Scott Sagan publicados em 1995. Neste contexto, China e Índia já teriam feito os seus testes nucleares diante da possibilidade de Israel e Iraque possuírem armas nucleares. O argumento principal da proliferação nuclear horizontal é o de que a produção e a posse de armas nucleares por mais países trariam a estabilidade ao sistema internacional. Nesses 40 anos, o Iraque teve seu programa neutralizado, ainda paira a dúvida sobre o arsenal de Israel, o Paquistão realizou seu teste nuclear, o Irã possui um programa consistente e Coréia do Norte adquiriu armas nucleares. No entanto, o Sistema Internacional não ficou mais estável diante dessa conjuntura. Pelo contrário, desde a Operação Militar Especial Russa de 24 de fevereiro de 2022 os gastos militares mundiais aumentaram consideravelmente. Paradoxalmente, vários conglomerados internacionais de empresas possuem patrimônio maior que vários Estados, fato este que aumentaria a proeminência de atores não-estatais no séc. XXI. Como exemplo, a Rússia utilizou o Grupo Militar Privado Wagner para conduzir operações na África, Ucrânia, Bielorrússia e Oriente Médio até a rebelião em 2022<sup>2</sup>.

As tensões no Oriente Médio cresceram desde o dia 07 de outubro de 2023. Enquanto Estado, Israel combate insurgentes do *Hamás* em Gaza e o *Hezbollah* estabelecidos ao Sul do Líbano e sofre ataques de mísseis lançados pelo *Ansar Al-Allah* a partir do Iêmen (CORDESMAN, 2006)<sup>3</sup>. A presente

<sup>2</sup> As Empresas Militares Privadas aumentaram em quantidade depois da invasão dos EUA ao Iraque em 2003. A grande vantagem aos Estados reside em eximir da culpabilidade de suas ações. Contudo, na Rússia as empresas são totalmente ou parcialmente instituídas pelos Estados e quase todas não agem por contratos.

<sup>3</sup> A denominação Ansar Al-Allah será mantida apesar da imprensa se referir aos insurgentes no Iêmen como Houthis, mas é o mesmo grupo.

conjuntura fornece um exercício da possibilidade de uso de armas nucleares na região (CORDESMAN, 2007). Dentro da ótica dos atores estatais, Israel oferece um exemplo. Atualmente, o Estado de Israel sofre o risco de colapso econômico frente à diminuição do fluxo de navios ao Canal de Suez.<sup>4</sup> A pressão do fechamento do Mar Vermelho pelos insurgentes do Iêmen pode ser um pretexto de uso de armas nucleares para a desobstrução do Sul do Mar Vermelho para liberar o fluxo de suprimentos ao porto israelense ao porto de *Eilat*. Ao mesmo tempo, esta medida beneficiaria economicamente o Egito e Europa e os sauditas poderiam militarmente usar a situação para consolidar suas posições no conflito ao Sul da Península Arábica. Israel poderia sustentar outra justificativa de uso caso o reator nuclear de *Dimona* sofresse um ataque de mísseis convencionais pelos iemenitas. O uso de mísseis convencionais por parte da insurgência do Iêmen é patrocinado pelo Irã para criar uma instabilidade ao Sudoeste da Península Arábica. Ataques de mísseis vindos pelo Sul sobrevoaram o reator nuclear israelense de Dimona e mesmo a interceptação do míssil iraniano *Gadhr* pelo sistema Arrow II de Israel não conseguiu proteger o reator de forma eficaz. Em princípio, o míssil lançado do Iêmen foi interceptado depois que passou por cima do reator nuclear. Igualmente, existe a possibilidade de falha no equipamento e no comprometimento do sistema de guiagem que pode causar um desastre nuclear em um país sem profundidade estratégica como Israel. O uso de armas nucleares apresenta o custo político proibitivo, mas o isolamento internacional que Israel sofre pelos combates na Faixa de Gaza aumenta a possibilidade de uma resposta nuclear por parte dos israelenses.

### Interceptação do Míssil Iraniano Gadhr pelo Sistema Arrow II de Israel:



Modificado por: AVILA, Fabrício (ISAPE, 2024).

<sup>4</sup> Comparativamente, existem cerca de meio milhão de israelenses e russos mobilizados para os respectivos conflitos na Faixa de Gaza e na Ucrânia. Porém, a Rússia possui 145 milhões de habitantes em 17 milhões de km<sup>2</sup> e Israel possui quase 10 milhões de habitantes em 20 mil km<sup>2</sup>. Ou seja, são 0,3% da população russa mobilizada contra 5% da população israelense em combate.

O Irã conduz um programa nuclear consolidado que poderá brevemente resultar em material físsil para a construção de uma bomba atômica viável. Particularmente, as evidências apontam para o desenvolvimento de armas nucleares iranianas para a proteção frente a um Paquistão nuclearizado. A proliferação nuclear horizontal na prática é uma realidade. O país desenvolve mísseis desde a fase da Guerra das Cidades na época da Guerra Irã-Iraque na década de 1980. Atualmente, desenvolve uma expansão no Oriente Médio para o Iraque, Síria e Líbano que pode garantir uma saída para o Mar Mediterrâneo que pode preocupar OTAN e aliados. Todavia, a expansão é feita através de grupos insurgentes patrocinados pelos iranianos. Dessa forma, temos o *Hezbollah* que, na prática, é o exército de fato do Líbano. A capacidade dos insurgentes ficou comprovada na Guerra de 2006 entre Israel e *Hezbollah*, onde este obteve uma vitória tática frente aos israelenses ao combinarem táticas clássicas de insurgência aos efeitos potencializadores das inovações tecnológicas da digitalização dos armamentos que trouxe uma capacidade operacional inimaginável a pequenas unidades no nível pelotão. A avaria causada pelo *Hezbollah* à fragata israelense Hanit deixou clara a capacidade de operação de mísseis por parte dos insurgentes, o que reflete no uso atualmente da *Ansar Al-Allah* no Iêmen.<sup>5</sup> Geralmente, as análises versam sobre as capacidades de operacionais em termos de interdição terrestre dos atores, mas o enfoque dos iranianos está aparentemente no uso de suas tropas *proxies* na interdição naval para o sufocamento econômico dos inimigos e as tropas terrestres estariam na proteção desses mísseis de origem iraniana de curto e médio alcance que atendem às necessidade de interdição regional dentro do Oriente Médio.

Ainda dentro do exercício hipotético do presente *paper*, existiria a possibilidade de posse de armas nucleares iranianas por atores não estatais como o *Hezbollah* no Líbano e *Ansar Al-Allah* no Iêmen? Para tentar responder esse cenário, cabe mostrar diferentes situações adjacentes aos atores. Em um primeiro momento, as armas nucleares iranianas seriam táticas e não estratégicas, mas seria um fator de desestabilização na região como um todo. Em um primeiro momento, existe a possibilidade maior de entrega de um artefato nuclear iraniano aos iemenitas pela facilidade logística entre o Estreito de Ormuz e o litoral do Iêmen.

1. Começaremos com a simples posse divulgada ou descoberta de armas nucleares por grupos pró-iranianos iemenitas. A simples posse poderia gerar uma escalada na tensão, porque provocaria uma resposta do Sistema Internacional.<sup>6</sup> A tendência seria o aumento do isolamento do Irã e a possibilidade do distanciamento entre iranianos e sauditas. A Turquia, enquanto OTAN, estaria em alerta na base de Incirlik para o aumento da dissuasão na região e a tácita proteção estratégica do Norte de Israel para travar alguma ação do *Hezbollah*. A simples posse de Armas de Destruição em Massa (WMD) nucleares, bacteriológicas ou químicas foi o motivo alegado pelos EUA para a incursão ao Iraque em março de 2003. Porém, caso o Irã entregasse armas nucleares para o governo da Síria, seria para um Estado e estaria enquadrado dentro do Neo-Realismo Estrutural. Somente para lembrar, no dia 07 de junho de 1981 os israelenses destruíram o reator de *Osirak* no Iraque na Operação Ópera e no dia 06 de setembro de 2007 a Força Aérea de Israel lançou um ataque que destruiu o reator nuclear de *Deir ez-Zor* que era construído por assessores norte-coreanos na Operação Pomar.

<sup>5</sup> Corvetas israelenses da classe Sa'ar 5 que foram construídas a partir de 1993. Três unidades entraram em serviço.

<sup>6</sup> Em princípio, o Paquistão pode ser outra área onde insurgentes podem obter armas nucleares. O país possui a convergência de fatores como radicalismo religioso, superpopovoamento e instabilidade política disseminados em diversos grupos insurgentes. A tomada de poder por um grupo radical ou a queda do governo pode espalhar seus artefatos nucleares entre o Paquistão e Afeganistão.

2. Caso o Iemenitas executem um teste nuclear bem sucedido de um artefato nuclear do Irã, o acordo entre sauditas e iranianos poderia acabar. Emergencialmente, os paquistaneses poderiam fornecer ogivas nucleares para os mísseis chineses comprados pelos sauditas e, ao mesmo tempo, o Paquistão poderia pressionar a fronteira Leste da Arábia Saudita. O Iêmen passaria por um desarme preemptivo de uma coalizão de forças aeronavais ocidentais, mas existiria a possibilidade de escalar a guerra na região e a instabilidade se espraiar para o Chifre da África. Existe uma distância da posse de armas nucleares até o comissionamento viável das ogivas em mísseis operacionais. Outrossim, existe uma possibilidade de uma reação limitada do Ocidente pelo comprometimento da ajuda aos ucranianos e pelo gasto das operações aeronavais. O fato traria a aceleração da corrida armamentista nuclear para a Península Arábica.

3. O possível uso de um artefato nuclear para a interdição completa do Estreito de *Bab El-Mandeb* e, conseqüentemente, do Canal de Suez. Os custos políticos são proibitivos para o uso de uma arma nuclear contra valor, ou seja, contra pessoas e habitações mesmo para atores não-estatais porque poderia acontecer uma condenação mundial contra o *Ansar Al-Allah*. Entretanto, existe a possibilidade de uso contra força para atuar contra a força aeronaval que atua na região. A nova relevância das armas nucleares está no fato do pulso eletromagnético resultante da detonação na atmosfera. Em termos gerais, poderia deixar toda a aparelhagem eletrônica aeronaval inoperante de uma força-tarefa hostil. Ao mesmo tempo, seria uma possibilidade de um teste da hipótese de aniquilação de forças aeronavais inimigas. Poderia revolucionar a capacidade das forças militares que operam a partir de linhas exteriores.<sup>7</sup> Obviamente, o Iêmen seria condenado e passaria por um processo de desarmamento convencional. O Irã poderia ter seu isolamento aumentado, mas não passaria por um desarme porque poderia alegar uma ação unilateral do *Ansar Al-Allah*, além de países islâmicos serem muito prejudicados, como o Egito que possui parte de seu Produto Interno Bruto (PIB) atrelado às operações navais diárias do canal. O encarecimento das mercadorias que chegam para a Europa com o desvio de 7 mil km seria outro motivo de agravamento da crise.

Felizmente, a América do Sul está relativamente afastada dessa questão por ter Forças Armadas estatais constituídas e por grupos insurgentes locais não fazer o uso desse tipo de armamento especial. Contudo, paira a suspeita do *Hezbollah* como autor do atentado contra a Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA) em 18 de julho de 1994. Conseqüentemente, os posicionamentos brasileiros não estão imunes mesmo com a distância geográfica do Levante. Cabe ao Brasil o alerta sobre o posicionamento referente à questão, porque será brevemente uma realidade no debate da Organização das Nações Unidas (ONU). Em princípio, existirá brevemente a possibilidade de emissões de resoluções que versam sobre o assunto. O *Hezbollah* e o *Ansar Al-Allah* não são respectivamente as forças armadas do Líbano e Iêmen e a posse de armas nucleares pelas organizações representa uma ameaça à estabilidade mundial. Entretanto, da mesma forma que na Organização para a Libertação da Palestina (OLP) foi o embrião de um possível Estado palestino, essas organizações podem ser agentes dentro de um processo de unificação do Líbano, Síria, Iraque e Irã dentro de um contexto de transição hegemônica que favoreça o nascimento de Estados continentais. O desafio para a Diplomacia brasileira se encontra na limitação do reconhecimento das capacidades desses atores e os limites da atuação dos

<sup>7</sup> Linhas interiores compreendem massas de terras contínuas que fazem parte das operações terrestres e linhas exteriores são faixas de terras separadas por massas de água onde operam forças aeronavais.

Estados e sua sobrevivência. A possível posse de artefatos nucleares por atores não-estatais é um assunto muito novo. A pauta toma forma na medida em que as forças militares não-convencionais são de fato as forças armadas dos países onde se encontram como o *Hezbollah* no Líbano e o *Ansar Al-Allah* no Iêmen dentro do arcabouço teórico das Guerras Irregulares Complexas (IISS, 2005).<sup>8</sup> Ao mesmo tempo em que constituem em tropas proxies do Irã, que pode testar a resposta do Sistema Internacional frente o desenvolvimento do seu programa nuclear. Os problemas aumentam com o espraiamento do conceito onde atores não-estatais possuem Armas de Destruição em Massa que constituem uma ameaça aos Estados constituídos. No passado recente, aconteceram atentados por pequenos grupos com esse armamento especial, mas a organização em grandes forças armadas de atores não-estatais a serviço de outros Estados pode desestabilizar de maneira irreversível a segurança mundial e acelerar o processo do nascimento de Estados continentais.

## Bibliografia:

- ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília, Editora UnB, 1986a. 928 p. 2ª edição.
- ARON, Raymond. *Estudos Políticos*. Brasília, Editora UnB, 1985. 562 p.
- ARON, Raymond. *Pensar a guerra, Clausewitz: A Era Européia*. (Tomo I). Brasília, Editora UnB, 1986b, 415p.
- ARON, Raymond. *Pensar a guerra, Clausewitz: A Era Planetária*. (Tomo II). Brasília, Editora UnB, 1986c. 322p.
- BUZAN, Barry & WÆVER, Ole. *Regions and Powers: the structure of International Security*. Cambridge-UK, Cambridge University Press, 2003.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CORDESMAN, Anthony H. & WAGNER, Abraham R. *Lessons of Modern War: Volume IV (The Gulf War)*. Boulder-CO, Westview Press, 1999.
- CORDESMAN, Anthony H. Preliminary “Lessons” of the Israeli-Hezbollah War. Washington-D.C. CSIS -Center for Strategic and International Studies, 2006.
- CORDESMAN, Anthony H. *The War after the War: strategic lessons of Iraq and Afghanistan*. Washington-D.C, CSIS -Center for Strategic and International Studies, 2004. 73 p.
- CORDESMAN, Anthony H. & BURKE, Arleigh. *Iran, Israel, and Nuclear War*. Washington: CSIS, 2007.
- FREEDMAN, Lawrence. *Deterrence*. Cambridge: Polity Press, 2003.
- FREEDMAN, Lawrence. *The Evolution of Nuclear Strategy*. New York: Palgrave MacMillan, 2003.

<sup>8</sup>As guerras irregulares sempre existiram, mas a complexidade atual é oriunda da alternância de papéis políticos entre grupos insurgentes fazendo o papel de tropas do Estado beligerante.

---

GRAY, Colin. *Maintaing Effective Deterrence*. ISS, 2003: p.13-16.

IISS. *Complex Irregular Warfare: The Face os Contemporary Conflict*. In: *The Military Balance 2005-2006*. London: International Institute for Strategic Studies, pp. 41-420, 2005.

IISS. *The Military Balance*, 2021. Londres: Routledge, 2022.

OREN, Michael B. *Seis Dias de Guerra: junho de 1967 e a formação do moderno Oriente Médio*. – Tradução: Pedro Jorgensen Jr.- 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

PAUL, T., WIRTZ, J. e FORTMANN, N. *Balance of Power: Theory and Praticce in the 21st Century*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

SAFRANCHUK, Ivan. *Beyond MAD*. China Security, Autum 2006, pp. 90 – 98.

SAGAN, Scott and WALTZ, Kenneth. *The Spread of Nuclear weapons: a debate*. New York, W.W. Norton & Company, 1995.

VIZENTINI, Paulo G. F. *Da Guerra Fria à Crise (1945-1990): as relações internacionais contemporâneas*. Porto Alegre, Ed. UFRGS: 1990.

WALTZ, Kenneth. *Structural Realism after the Cold War*. International Security, Vol. 25, No. 1 (Summer 2000), pp. 5–41.